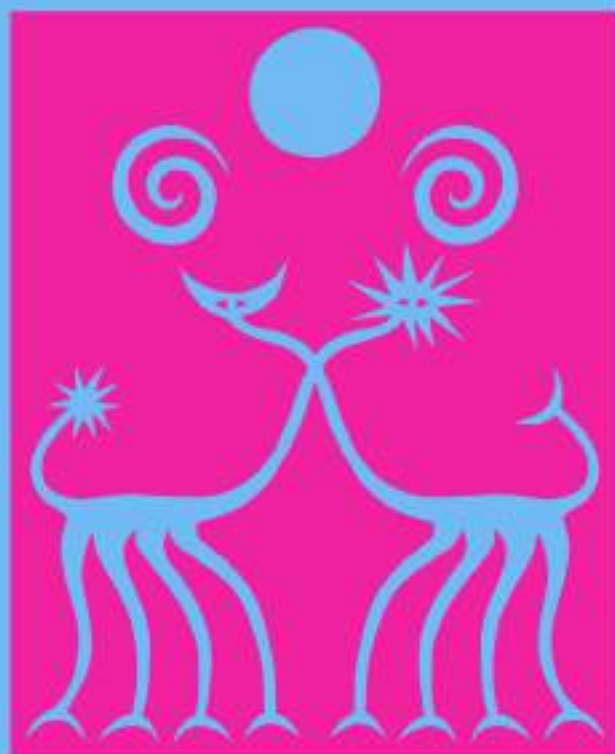
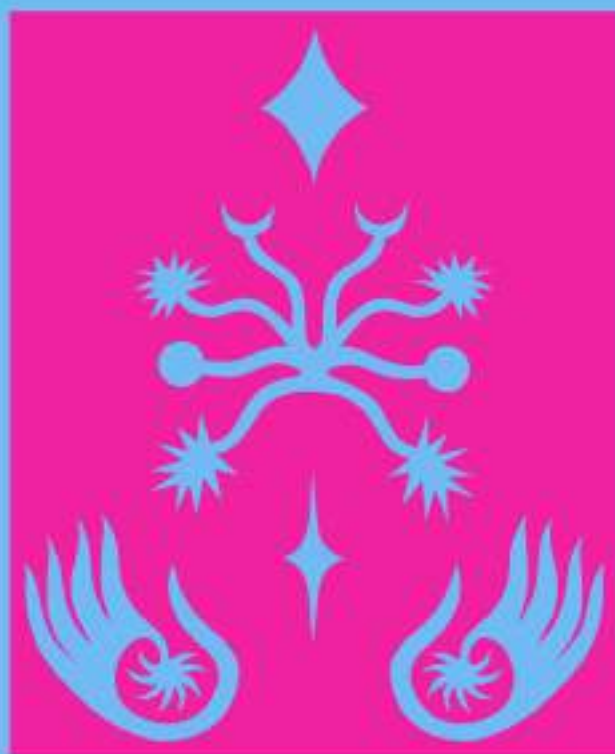
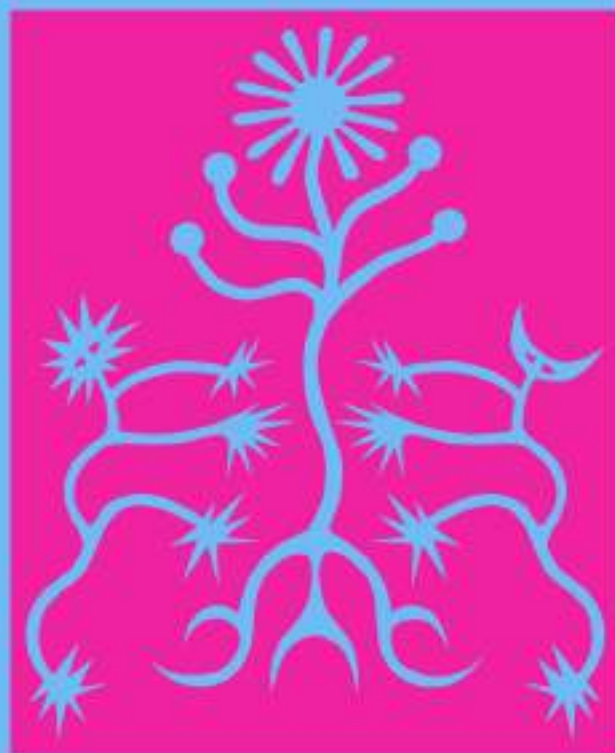
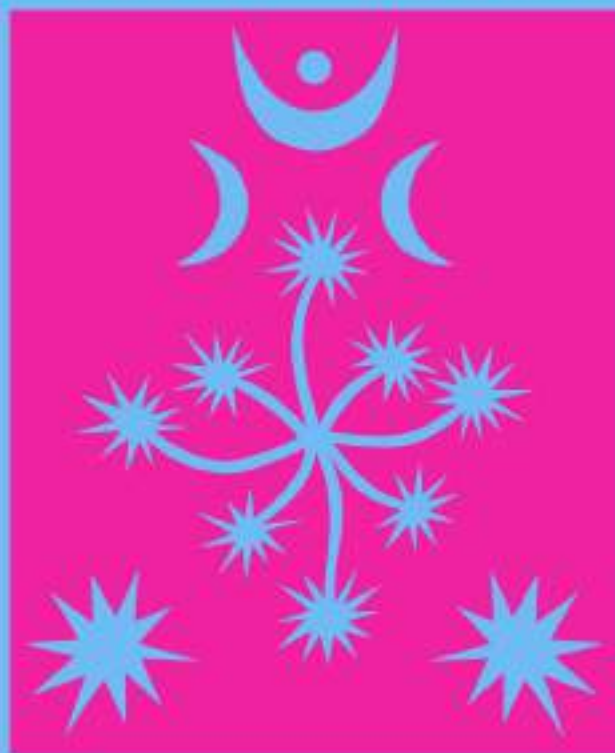


ESLAPA



Apresentação do ESCAPA 2025-2026

O **ESCAPA 2025/2026** é um convite para aproximar a arte das pessoas e as pessoas umas das outras — um encontro que transforma, que abre caminhos e que escuta a comunidade. Centrado na mediação cultural e na educação pela arte, o ESCAPA cria espaços onde todos podem entrar: lugares de partilha, descoberta e imaginação, onde a dança e o teatro contemporâneos ganham novos significados.

Em 2026, o programa assenta em quatro pilares que orientam esta viagem: ver, aprender, fazer e profissionalizar. Cada um deles abre uma porta para diferentes formas de viver a arte:

Ver — Espetáculos acompanhados e pensados para escolas, famílias e curiosos, com 3 produções e 6 récitas ao longo do ano.

Aprender — Oficinas para jovens e adultos que desejam experimentar, perceber e sentir a criação contemporânea de perto.

Fazer — Processos artísticos construídos lado a lado com as comunidades escolar e local, onde cada gesto, voz e ideia contam.

Profissionalizar — Apresentações regulares ao longo do ano, dando visibilidade ao trabalho desenvolvido com a comunidade e criando pontes para o futuro.

Todas as atividades são gratuitas e acontecem durante o ano letivo e as férias de verão, ocupando diversos espaços do concelho de Amarante e tornando-os lugares de encontro e criação.

O programa conta ainda com mediadoras culturais experientes, dedicadas a tornar a arte mais próxima, mais compreensível e mais acolhedora. Com sensibilidade social e cultural, trabalham para que todos se sintam incluídos.

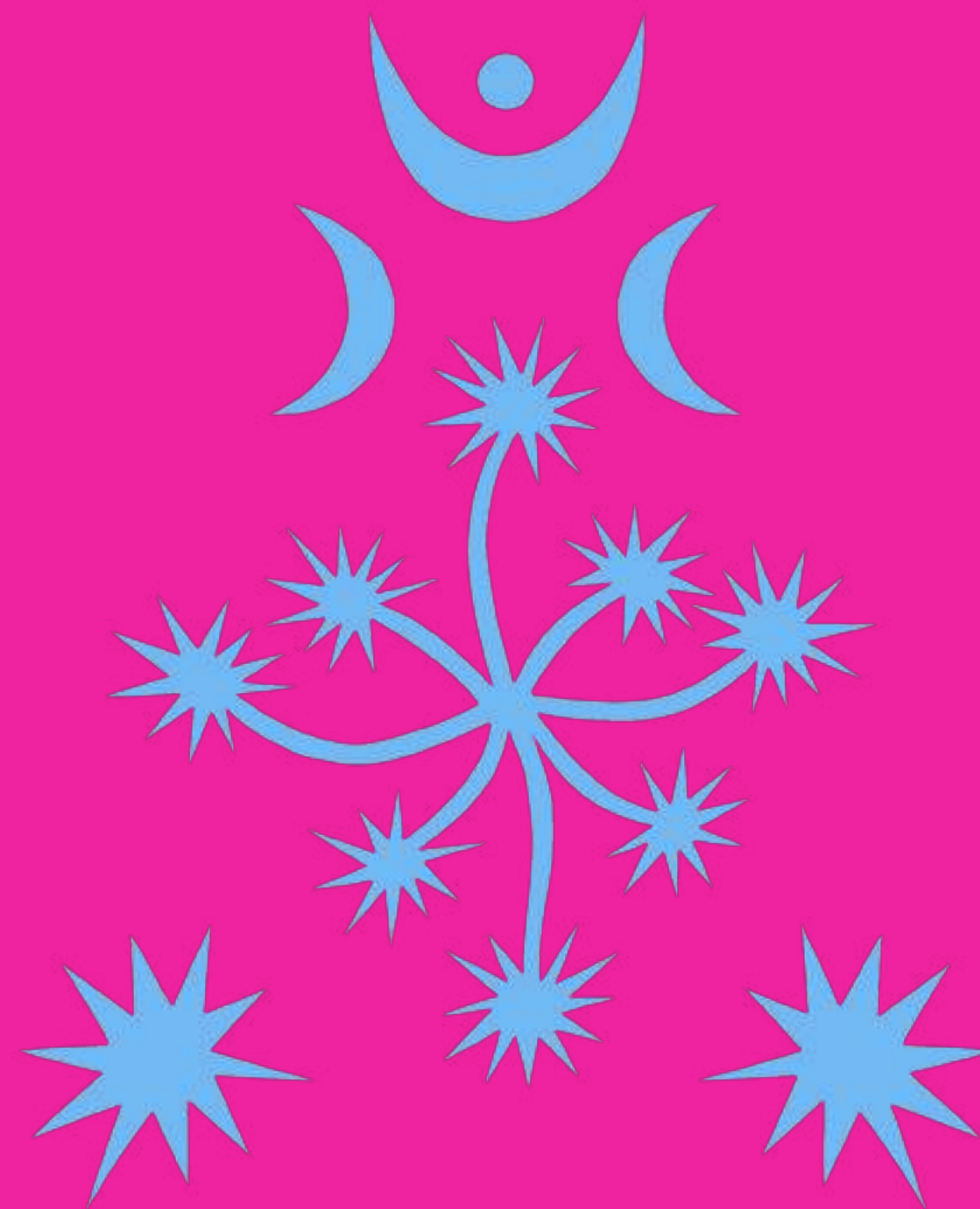
O ESCAPA não quer apenas apresentar arte — quer criar hábitos culturais, abrir horizontes, despertar a curiosidade e incentivar cada participante a descobrir o seu próprio caminho na criação e na apreciação artística.

Participar no ESCAPA 2025-2026 é abrir uma porta para um mundo onde a imaginação tem espaço para crescer.



A arte é de todos — e no ESCAPA torna-se viva,
presente e verdadeiramente partilhada.

Espetáculos *2026*





Meia História Encaixa

~ de Solange Melo e Fernando Duarte

Sinopse

Partindo da obra literária *Memorial do Convento* de José Saramago, *Meia História Encaixa* surge como primeiro contacto com a obra de Saramago. Esta leitura coreografada e oficina para crianças une o universo literário às possibilidades da dança enquanto expressão narrativa que parte do corpo e do movimento. A sonoridade da palavra e a narração da história encontram eco no corpo do intérprete que se encadeia num movimento narrativo entre personagens. Poderá um só um corpo coreográfico fazer surgir a fluência narrativa de Baltasar, Blimunda, Frei Lourenço e de outras personagens do romance? E de onde surgem as vontades? E como surge a construção de um convento como cenário de uma história de amor que se rodeia das maiores complexidades da atitude humana? Após a leitura coreográfica segue-se uma oficina onde as crianças são convidadas a explorar a base narrativa do movimento e como este se propõe a caracterizar as personagens, o espaço e o tempo da ação do romance. **[+ 6 Anos]**



Ficha Técnica

Direção artística do bailado e programa educativo

Solange Melo e Fernando Duarte

Criação e sonoplastia

Ângelo Cid Neto

Dramaturgia e seleção de texto

Solange Melo, Fernando Duarte
e Ângelo Cid Neto

Figurino

José António Tenente

Voz

Solange Melo

Interpretação

Margarida Garcez

Sabias que...?

... A Solange Melo foi bailarina principal na Companhia Nacional de Bailado e bailarina solista no Ballet Nacional da Noruega?

... O Fernando Duarte é o atual diretor artístico da Companhia Nacional de Bailado e coreografou novas versões dos bailados Lago dos Cisnes e Quebra-Nozes?

... O Ângelo Cid Neto é professor na Escola Superior de Dança nas áreas de técnica de dança contemporânea, criação coreográfica e composição?





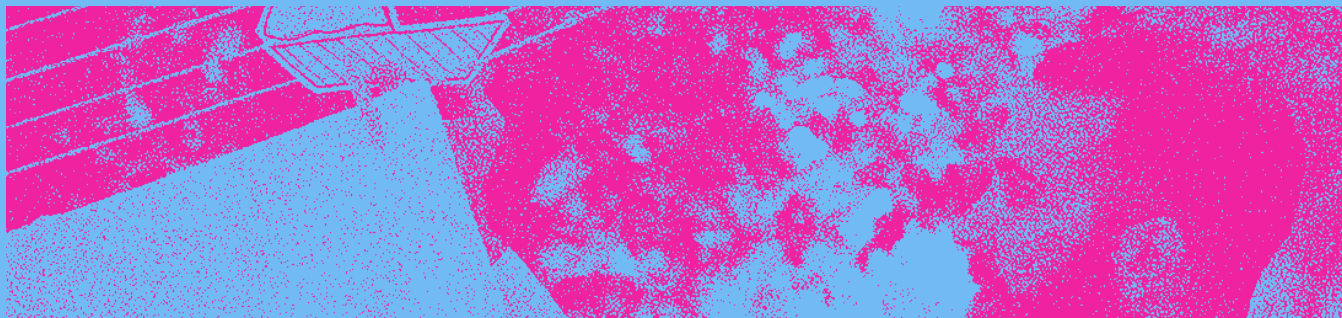
Antiprincesas - Antónia Rodrigues

~ de Cláudia Gaiolas

Sinopse

No novo espetáculo do ciclo Antiprincesas, estamos no século XVI, tempo das sereias e monstros marinhos, das armaduras e espadas afiadas, dos castelos com altas torres de onde espreitam as princesas... E também o século da jovem Antónia Rodrigues, que deixou a sua pequena vila ao pé do Rio Vouga em busca de uma vida de aventuras. Antónia. António. Antónia? António? António, que enfrentou tempestades numa caravela, conheceu terras distantes, lutou em batalhas ferozes, recebendo condecorações e olhares apaixonados pelos seus atos de bravura. Esta é a extraordinária história de Antónia Rodrigues. António? Antónia? Antónia Rodrigues, uma rapariga à frente do seu tempo: marinheira, heroína de guerra e uma Cavaleira Portuguesa, com certeza.

O CICLO reúne espetáculos criados por Cláudia Gaiolas a partir da coleção Antiprincesas, celebrando mulheres reais que marcaram a história — de Frida Kahlo a Clarice Lispector. Em 2020, o projeto expandiu-se com Leonor, Marquesa de Alorna, e Carolina Beatriz Ângelo, figuras de coragem e luta pela justiça e liberdade. O ciclo destaca heroínas verdadeiras, lembrando que não há contos de fadas: há vidas transformadas pela persistência e pela força de acreditar. [\[+ 6 Anos\]](#)



Ficha Técnica

Direção

Cláudia Gaiolas

Dramaturgia

Alex Cassal

Interpretação

Alfredo Martins

Cenografia

Saulo Santos

Figurinos

Aínoa Vidal

Música

Teresa Gentil

Desenho de luz

Daniel Worm

Bordados

Isabelle Yvonne Dekien

Produção executiva

Armando Valente

Uma encomenda

São Luiz Teatro Municipal, EGEAC

Coprodução

Teatro Municipal do Porto, São Luiz Teatro Municipal, Teatro Viriato, Teatro Meia Volta e Depois à Esquerda Quando Eu Disser

Agradecimentos

Ricardo Tabosa, Tiago Cerqueira

Sabias que...?

... a Cláudia Gaiolas fundou um teatro para poder inventar outros — e nunca mais deixou de os reinventar?





Coreografia em sala de aula

~ de João dos Santos Martins com Adriano Vicente

Sinopse

Há uns séculos atrás, alguém decidiu inventar uma maneira de escrever danças em papel para depois passar a outras pessoas para aprenderem essas danças de cor. A dança transformava-se num desenho e numa língua que era possível ler e passar novamente para o corpo de outra pessoa. Do corpo para o papel, do papel para o corpo. Era como “dançar” uma língua e “falar” uma dança, sem se perceber muito onde começa uma e onde acaba a outra.

Coreografia em Sala de Aula é uma versão da peça Coreografia de João dos Santos Martins para uma sala de aula. A peça constrói-se estabelecendo relações entre as línguas oral, gestual e escrita, criando estratégias de reconhecimento de gestos através da intuição e de uma relação viva entre regimes de conhecimento e sensoriais.

[+ 6 Anos]



Ficha Técnica

Coreografia

João dos Santos Martins

Interpretação

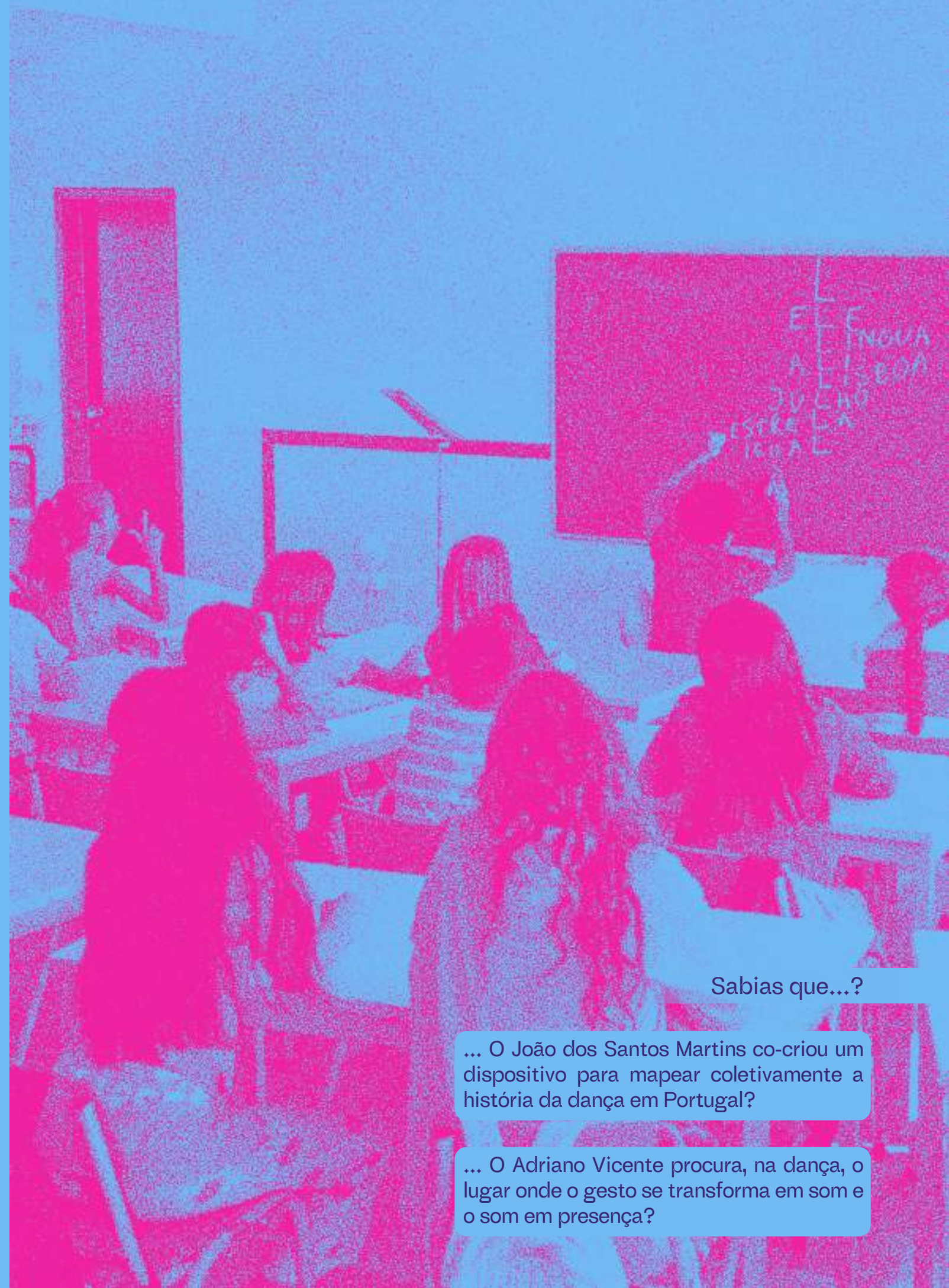
Adriano Vicente

Coprodução

Materiais Diversos, Associação Parasita

Produção e administração

Lysandra Domingues | Associação Parasita

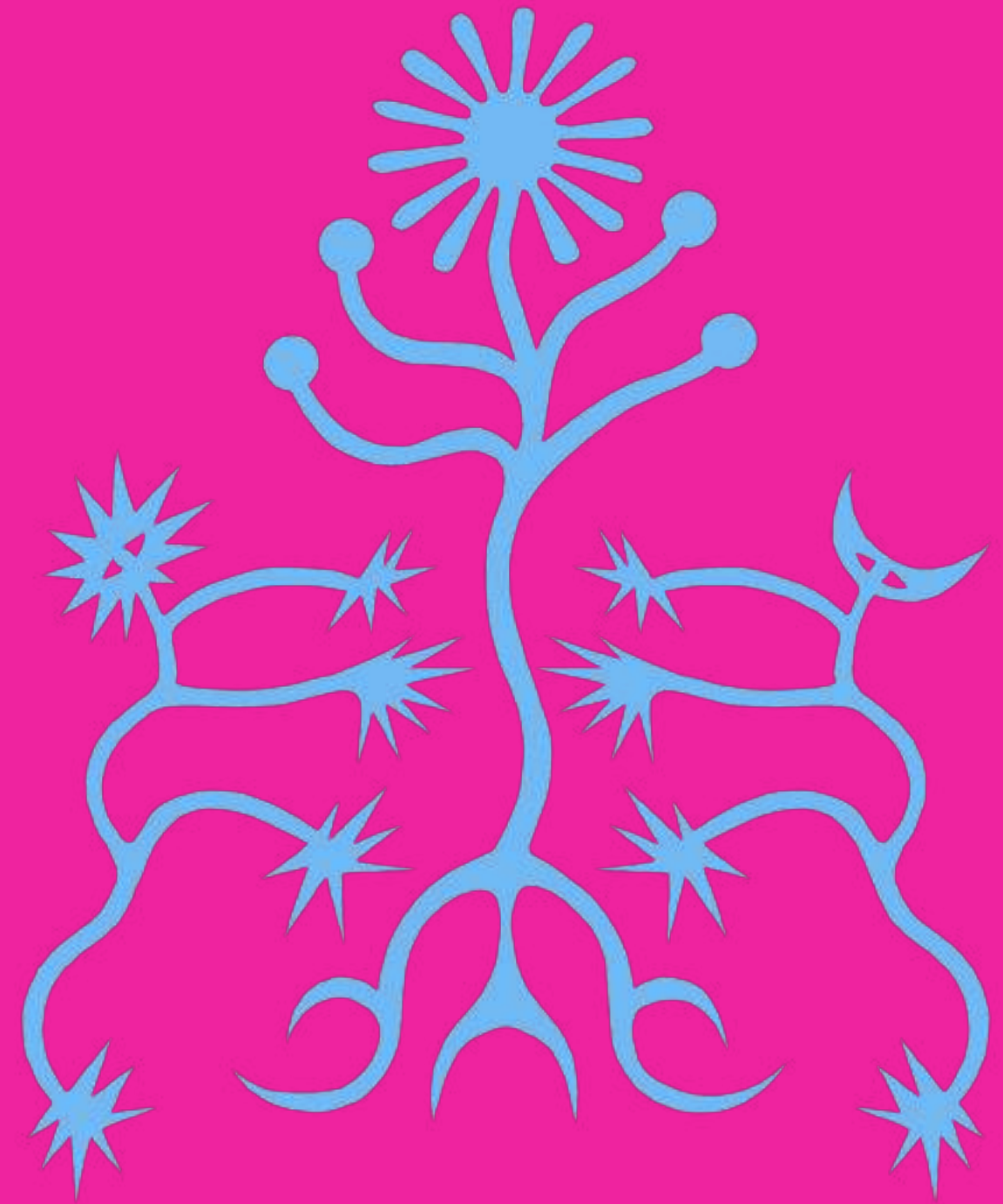


Sabias que...?

... O João dos Santos Martins co-criou um dispositivo para mapear coletivamente a história da dança em Portugal?

... O Adriano Vicente procura, na dança, o lugar onde o gesto se transforma em som e o som em presença?

Mediação



Mediação

O que é a mediação cultural?

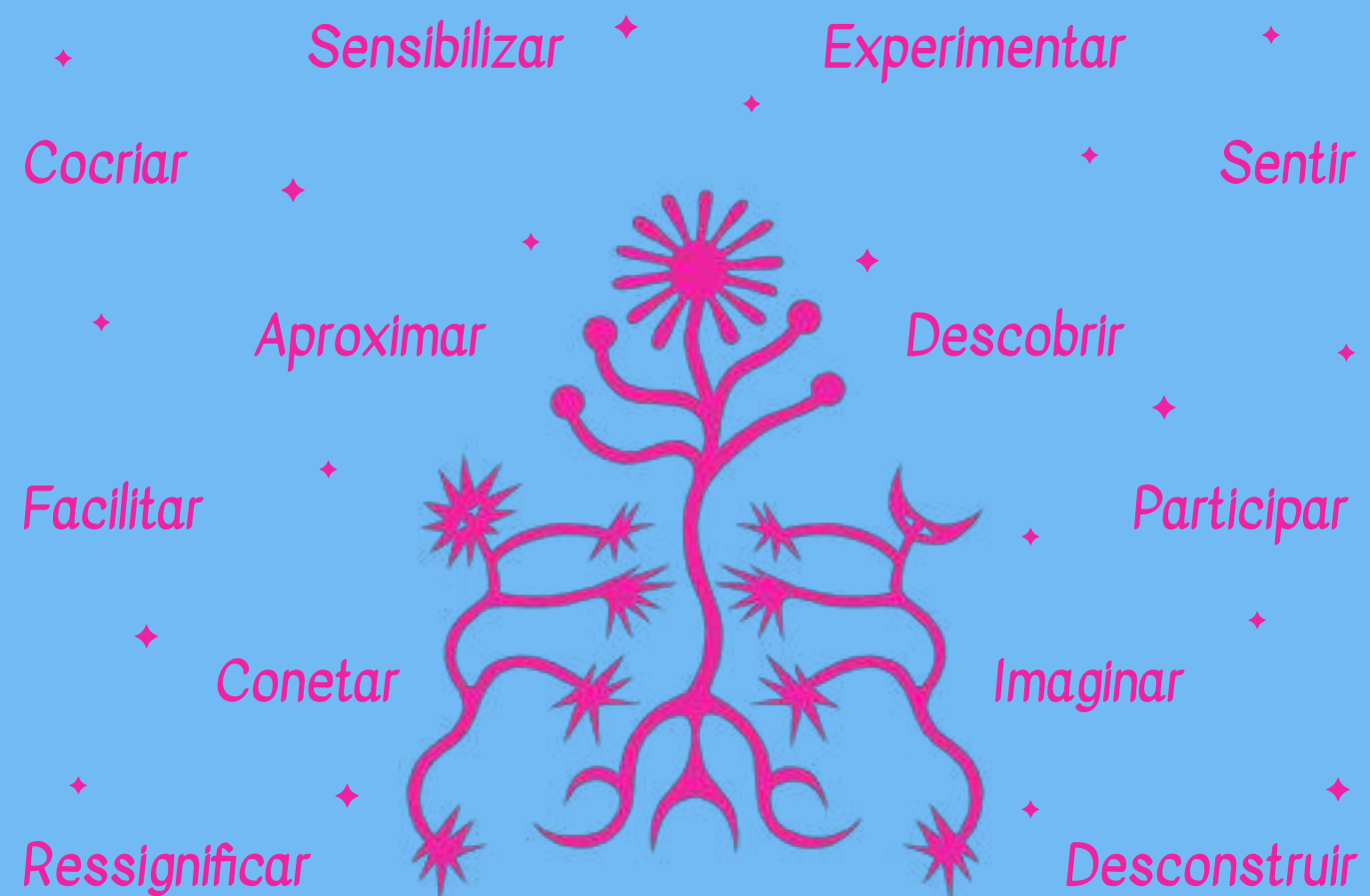
A mediação cultural é um processo que promove o diálogo entre a arte, a cultura e os públicos, criando pontes entre artistas, obras e as comunidades. O objetivo é facilitar o acesso, a compreensão e a participação ativa das pessoas na vida cultural, respeitando as suas experiências, referências e contextos.

De forma simples, a mediação cultural não impõe significados nem gostos: ela convida à descoberta, ao questionamento e ao envolvimento.

O papel do/a mediador/a cultural?

É alguém que facilita experiências significativas, promovendo acesso intelectual, emocional e sensorial à arte e à cultura. Atua com empatia, escuta ativa e sensibilidade social.

Podes pensar na mediação cultural como um “tradutor” entre mundos — entre a linguagem da arte e a vivência do público, promovendo inclusão, participação e pensamento crítico..



~ Quem são as nossas mediadoras?



Ana Mafalda Pereira é doutoranda em Educação Artística e é atriz e artista-educadora, cruzando a prática teatral e a prática performativas.



Marcela Peterson é doutoranda em Educação Artística, educadora e criadora de materiais pedagógicos para o ensino artístico.

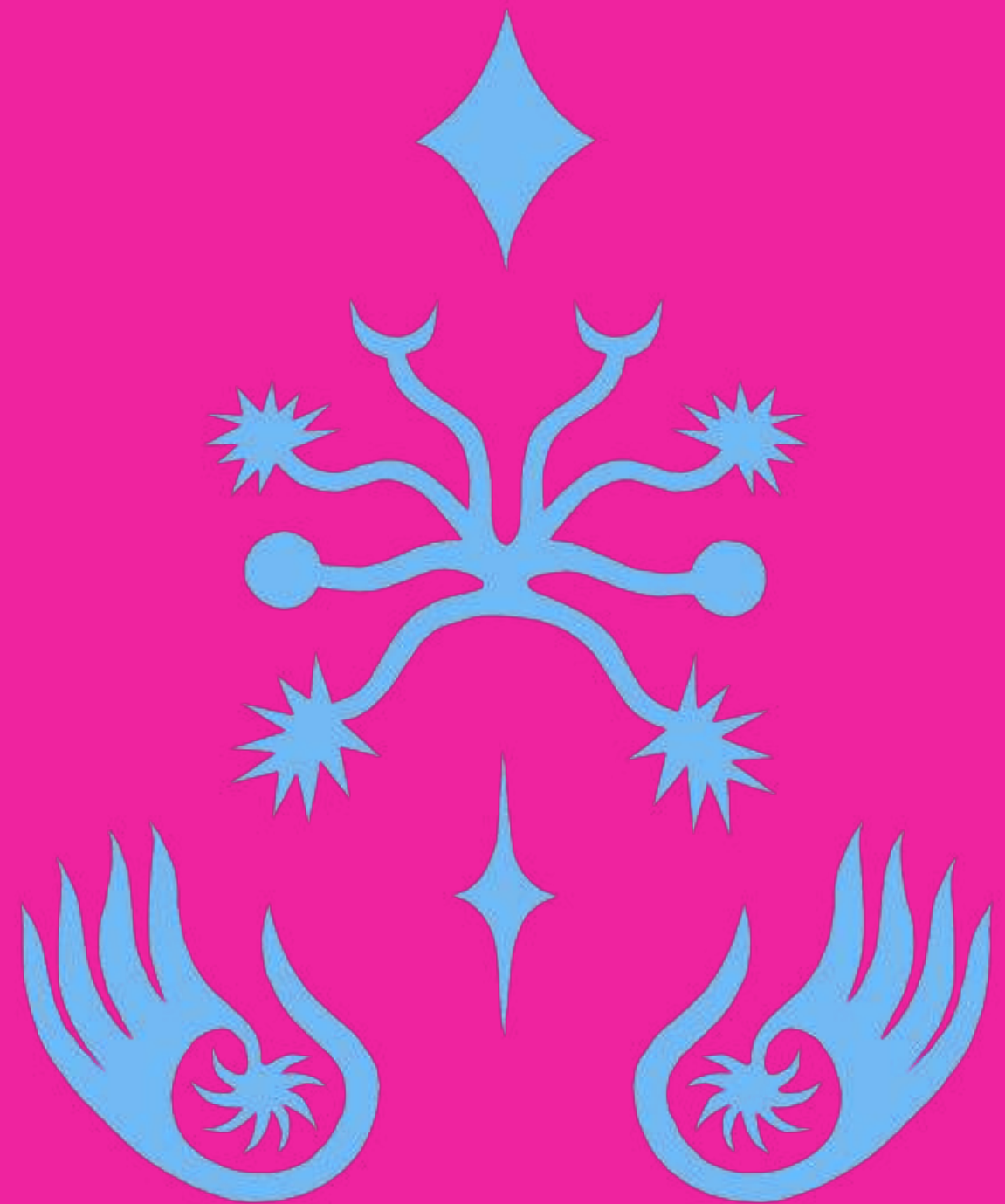


Melina Scheuermann é doutoranda em Educação Artística e foi educadora de teatro assistente no Junge Akteur*innen do Theater Bremen.



Sofia Fernandes é Mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação para Surdos e foi intérprete da primeira equipa de 112 para surdos em Portugal e intérprete televisiva na RTP.

Oficinas 2026



Oficina De Dança

~ de Oirana Moraes

De 2 a 6 de Março de 2026

CCA - Centro Cultural de Amarante

Sinopse

A Autodidança traz uma metodologia para o desenvolvimento de uma prática de treino autónoma através do método 5 Pontos do Freestyle, criado por Loke Wolf (Bahia/Brasil) em colaboração com Wura Moraes.

O workshop permite que os participantes expandam seu vocabulário de movimentos e adquiram ferramentas para otimizar seu tempo de pesquisa e criação.

Na preparação corporal, cada etapa é pensada para gerar confiança e autoconhecimento, trabalhando a percepção de si em relação com o próximo, reconhecendo e ampliando o potencial expressivo de cada indivíduo atravessado e em integração com o colectivo circundante.



Oirana Moraes

Dançarina e coreógrafa luso-brasileira, Wura Moraes é licenciada pela Faculdade Angel Vianna (BR), com formação na École des Sables (SN), EDIT (BF), e FAICC (PT). Na Bahia, com Loke Wolf, desenvolve a pesquisa Autodidança.

Criou o solo CERN e cocriou “Aether - Cruzamento”, com o trio Bode Wilson e Ana Rita Xavier.

Foi intérprete para Gil Mac, Dori Nigro, Calixto Neto e Vânia Doutel Vaz.

Em coprodução com o festival DDD desenvolve as suas mais recentes criações HENDA I XALA e REVERBERAÇÕES, ambas parte seu projeto maior Confluências em homenagem ao seu pai Mário Calixto (1960-1996) e ao seu tio Miltércio Santos (1963-2024), ambos bailarinos e coreógrafos.



Oficina De Teatro

~ de Ricardo Teixeira

De 29 de Junho a 3 de Julho de 2026

Quinta do Paço (Amarante)

Sinopse

Corpo, palavra e expectativa.

Estar em cena pressupõe sempre uma tensão, um perigo iminente entre intérprete e espetador.

Neste laboratório pretende-se uma pesquisa coletiva sobre a presença do intérprete em cena e a sua relação com o espetador através de exercícios práticos e jogos coletivos com o intuito de fornecer ferramentas teatrais aos formandos.

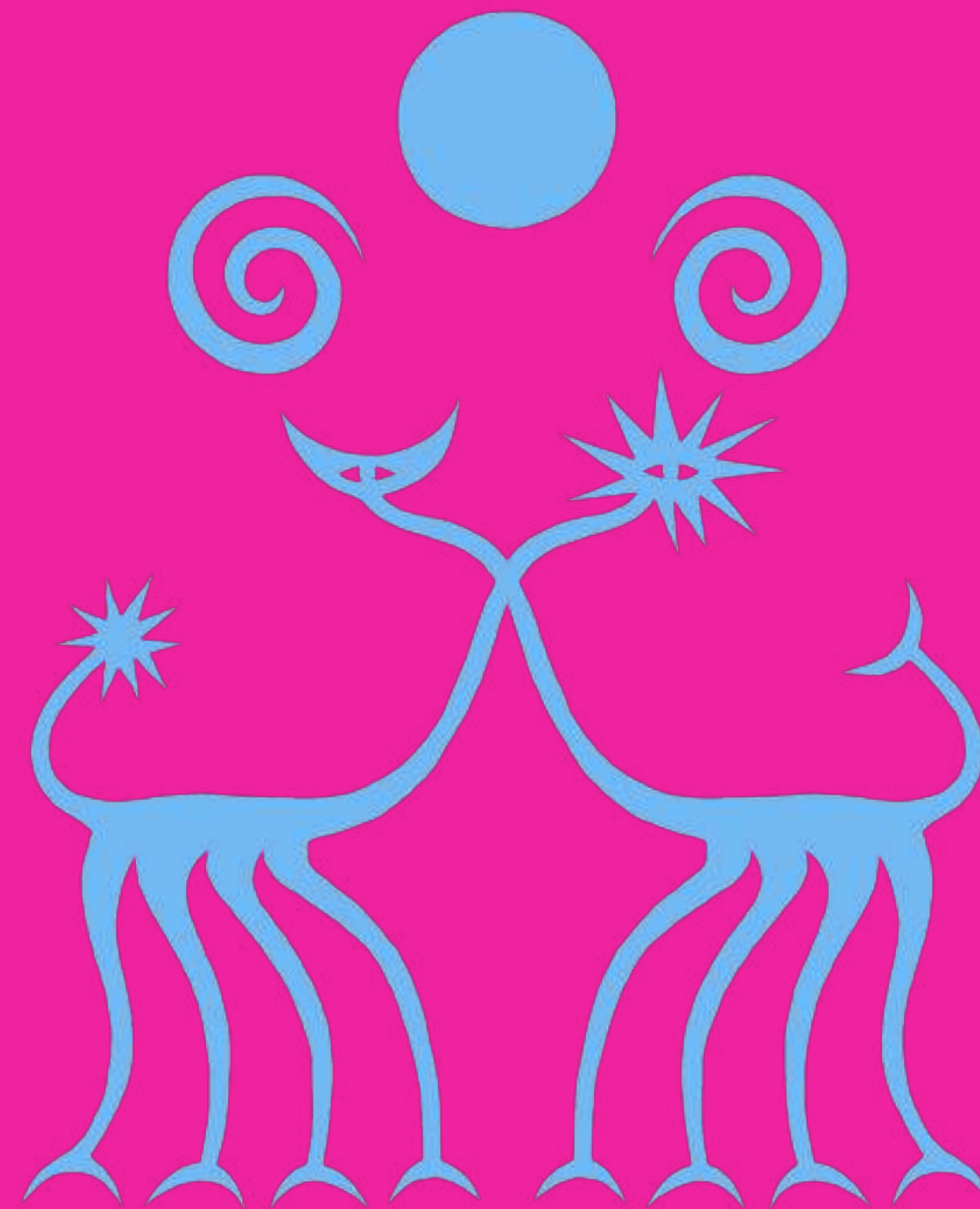


Ricardo Teixeira

Formou-se no Balletatro Escola Profissional de 2006 a 2009 e é licenciado em Teatro, ramo de Atores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema em 2013. Participou em “Oil Ain’t All”, “JR” e “Sonho de Uma Noite de Verão” do Teatro Praga, em “A Morte de Danton” (direção de Jorge Silva Melo) e na peça “O Aldrabão” (encenação de João Mota). Foi artista e intérprete convidado em TABUropa (2014/2015), um projeto internacional que abrangeu Portugal, Polónia, Alemanha e Bélgica, onde trabalhou com o coreógrafo Arco Renz. Como criador, encenou “Ps: I Love You, Lady Macbeth” em 2011, com Ivo Silva. É membro-fundador do coletivo de artistas SillySeason, onde assume as funções de ator e diretor artístico desde 2012 até ao presente. Protagonizou o filme “Al Berto” de Vicente Alves do Ó. Leciona a disciplina de Interpretação na Escola Profissional Balletatro Contemporâneo do Porto desde 2018 e orienta workshops e laboratórios de formação teatral em escolas profissionais e associações culturais.



*Projeto
2026*





Projeto Bienal de Artes Performativas com as comunidades de Vila Meã e Amarante ~ Dirigido por Rui Catalão

Este projeto tem por objetivo criar um grupo de trabalho em continuidade, que agite as comunidades com uma produção de raiz, atenta aos interesses e hábitos locais, mas também à vontade de regeneração que sempre acompanha os mais jovens. O projeto fornece uma série de ferramentas e materiais de trabalho, no intuito de formar os participantes para a exposição ao público. Será gerada uma metodologia que lhes permita autonomizarem-se: articulando linguagens criativas; integrando as individualidades sem esquecer o propósito coletivo; desenvolvendo formas de comunicação - que despertem a curiosidade junto do público e o dinamizem para se envolver nas atividades.

A dimensão de laboratório, de pesquisa, irá orientar o processo. As sessões serão fechadas ao grupo de trabalho. Ainda assim, como serão criados ciclos trimestrais, o grupo está aberto a novos participantes no início de cada novo ciclo de atividades.

Estes ciclos trimestrais compreendem as seguintes atividades:

Primeiro Trimestre

Jogo das Perguntas Difíceis

Partindo de um jogo cénico básico, em que um participante entra em palco para fazer uma pergunta a quem está sentado à sua frente, numa fila de cadeiras em semicírculo, este dispositivo permite explorar a presença em cena, a exposição ao público, e ao mesmo tempo negociar, a partir da curiosidade, a história pessoal dos participantes, os seus interesses e valores, e a forma como a sua experiência de vida pode fornecer temas e materiais de trabalho.

Rui Catalão criou este modelo de trabalho para a oficina de teatro *“E agora faz tu”*, que lhe serviu de base para o espetáculo *“E Agora Nós”*, estreia no Teatro Maria Matos, 2016.

Segundo Trimestre

Jogos Coreográficos

Partindo de uma selecção de temas musicais escolhidos pelos participantes, o grupo desenvolve jogos coreográficos coletivos. Trata-se de um processo de improvisação e escrita coreográfica: individualmente, um participante faz uma proposta de movimento e os colegas definem como relacionar-se coletivamente. Este modelo foi criado para os alunos do 2º ano de dança da escola profissional Balletteatro em 2011; o espetáculo foi apresentado no *“Serralves em Festa”* desse ano; o mesmo modelo serviu para o espetáculo *“Último Slow”*, 2018, apresentado na Praça do Comércio e no programa Dias de Marvila.

Terceiro Trimestre

Escolher Um Texto

Cada participante escolhe um texto, que não tem de ser dramaturgicamente, e partilha-o com os colegas para leitura. O texto é lido, individualmente ou coletivamente, usando um ecrã de telemóvel como suporte.

Este modelo de leitura ao telemóvel, facultando jogos cénicos sem precisar de decorar o texto, serviu a criação de três espetáculos de Rui Catalão: *“Ao abrigo da distância”* (2021); *“(este espetáculo não poderia ter outro nome senão) IVONE!”* (2022); *“Mal de Ulisses”* (2023).

Quarto Trimestre

Perguntas Indiscretas

Os participantes elegem em cada sessão uma pergunta, e ficam com a tarefa de entrevistarem durante a semana desconhecidos na rua ou pessoas do seu circuito de contactos. O objetivo é recolher histórias que serão depois contadas na sessão seguinte. Os participantes partilham depois as suas dificuldades e experiências para desenvolverem estratégias que lhes permitam recolher histórias, e que servirão de base para desenvolver uma dramaturgia.

Este modelo serviu de base para o espetáculo *“Jornalismo Hipnotismo Amadorismo”*, 2018, estreado no Teatro Nacional D. Maria II.

Quinto Trimestre

Materiais de Cena

Em cada sessão, cada participante traz um objeto que por qualquer razão é importante para si. Pode ser um instrumento musical, um figurino, uma ferramenta, ou até um brinquedo que possa vir a servir como dispositivo cenográfico, a explorar individualmente ou coletivamente.

O uso de objetos, como base de composição, para o desenvolvimento de cenas ou espetáculos inteiros, é um recurso comum na performance e na dança contemporânea. Rui Catalão usou-o no seu primeiro solo: *“Dentro das palavras”*, 2010, servindo-se de uma torre de livros, folhas de jornais, uma folha de papel-cenário e um monte de areia de praia com detritos multicoloridos de plástico.

Sexto Trimestre

Produção e Montagem de Espetáculo

Tendo por base os materiais recolhidos e experimentados nas etapas anteriores, o grupo de trabalho parte para a montagem do espetáculo. Numa lógica de autonomização e responsabilidade, Rui Catalão acompanhará as sessões de trabalho conjuntas inicialmente. Cabe ao grupo definir e agendar os ensaios de que precisa para completar o espetáculo a apresentar ao público.

Projeto Bienal de Artes Performativas com as comunidades de Vila Meã e Amarante ~ Dirigido por Rui Catalão

Rui Catalão

Rui Catalão nasceu no Cacém, em 1971. Vive em Amarante desde 2019.

Para além do seu trabalho artístico, como encenador e dramaturgo, Rui Catalão tem uma extensa experiência pedagógica a trabalhar com jovens, nomeadamente na criação de modelos e métodos adaptados ao contexto dos grupos de trabalho que foi conhecendo. Em 2015 criou o workshop “E agora faz tu”, onde desenvolveu o “jogo das perguntas difíceis”, em que os participantes colaboram em dinâmicas colectivas a partir das suas histórias pessoais, assim como aprendem a tornar-se autónomos. Na década anterior, criou um método para composição coreográfica baseado num plano semanal, que visava essa mesma autonomia (originalmente concebido para o primeiro solo da bailarina romena Mihaela Dancs).

Escreveu duas peças a serem interpretadas por adolescentes: Ester, 2014 (incluída no programa PANOS da Culturgest, de teatro para a escola); e Judite, 2016 (apresentada no Teatro Nacional D. Maria II).

Recentemente, dirigiu uma série workshops integrados no projeto *Mal de Ulisses*, inspirado em entrevistas a imigrantes, onde os jovens acumulam a experiência de leitura e de trabalho de palco, usando como ferramenta o telemóvel.

No seu trabalho para palco, Rui Catalão assina documentários cénicos densamente coreografados, onde cruza crónicas do quotidiano com memória e identidade geracional. Autor de uma longa série de solos autobiográficos (iniciada com *Dentro das Palavras*, em 2010), dirigiu um coletivo de jovens de origem africana, que representam as suas narrativas de vida (parcialmente reunidas no livro *Gente do Vale, Ghost*). As suas últimas peças dedicadas à diáspora africana foram: *Ao abrigo da distância*; *Este espectáculo não poderia ter outro nome senão Ivone!*; e *Mal de Ulisses*.

Depois de uma carreira como jornalista e crítico no *Público*, iniciou o seu trabalho artístico com o coreógrafo João Fiadeiro. Viveu e trabalhou na Roménia, onde integrou a emergente cena de dança contemporânea local. Escreveu os argumentos cinematográficos de *Morrer como um homem* e *O Capacete Dourado* e é autor de monografias sobre Anne Teresa De Keersmaeker, Tiago Rodrigues e Ana Borralho-João Galante (com este casal de encenadores fez a dramaturgia das peças *Atlas*, para 100 participantes; e *Estalo Novo*, interpretada pela Companhia Maior – ambas em digressão, mais de dez anos depois de terem estreado).



Ficha Técnica

Produção:

Sekoia – Artes Performativas

Direção Artística:

Gustavo Monteiro

Produção Executiva:

José Gonçalves

Apoio Institucional:

República Portuguesa – Cultura, Desporto e Juventude / DGARTES – Direção-Geral das Artes

Parceiros Institucionais:

Plano Nacional das Artes, Câmara Municipal de Amarante

Colaboradores:

Bombeiros Voluntários de Vila Meã, Centro Cultural de Amarante – Conservatório de Amarante

Design:

Rui Moura (@ruicough) em parceria com Carolina Martins (@nektar.creatix)

Créditos Fotográficos (por ordem):

Antiprincesas - Estelle Valente

Ana Mafalda Pereira - Hugo Rodrigues/Katalyst Studio

Marcela Pedersen - Diogo Meira/Galeria Municipal do Porto

Ricardo Teixeira - Alípio Padilha

E-mail: producao.sekoia@gmail.com

Telemóvel: +351 919 211 520 (Chamada para rede móvel nacional)

Website: www.sekoia.pt

Produção



Apoio Institucional



Parceiros Institucionais



Colaboradores



+info



